
O DIREITO E O AVESSE DA *BELLE ÉPOQUE*

Alvaro Santos Simões Junior¹

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa. *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. Rio de Janeiro: LABELLE; Faperj; São Paulo: Intermeios, 2016.

Com acabamento gráfico impecável, encontra-se à disposição dos interessados na história e na cultura brasileiras uma coletânea de ensaios originais e diversificados sobre a assim chamada *Belle Époque*. Como as organizadoras Carmem Negreiros, Fátima Oliveira e Rosa Gens esclarecem na apresentação do volume, os trabalhos resultaram da criação em 2015 do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque (LABELLE), sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O LABELLE, no entanto, congrega também pesquisadores de outras instituições de pesquisa e ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Como se sabe, a designação do período a que se dedica o grupo de pesquisadores foi estabelecida entre as duas guerras mundiais, quando as dificuldades econômicas, os problemas sociais e os conflitos entre as potências europeias se tornavam mais graves a cada dia. Assim, o *longo* interregno de paz entre o fim da guerra Franco-Prussiana e o início da Primeira Guerra Mundial afigurou-se, *a posteriori*, como uma era de progresso, prosperidade e bem-estar generalizados. Mas não foi bem assim, especialmente para quem não pertencia às classes privilegiadas, pois o período de 1870 a 1914 é marcado por greves, reivindicações operárias, aguerrida militância anarquista, graves crises políticas e revoluções.

No Brasil, o conceito de *Belle Époque* encontrou nova ressonância quando foi associado ao adjetivo “tropical” por Jeffrey Needell em seu ensaio publicado em 1993, no qual se estudam aspectos do processo de europeização da sociedade e da cultura de elite no Rio de Janeiro da virada de séculos. Em outras cidades brasileiras, verificou-se transformação semelhante. Foi o caso

¹ Docente da Universidade Estadual Paulista e pesquisador do CNPq.

de Salvador, cidade representada ficcionalmente por Xavier Marques, autor estudado por Thiago Mio Salla no livro em pauta. O início dessa mudança pode ser localizado nas décadas finais do Império e na primeira da República, mas com esse tempo de sucessivas crises políticas, econômicas e sociais a designação de *Belle Époque* não parece combinar muito bem. Uma era de otimismo e de crença na inclusão do Brasil no rol dos países civilizados, isto é, a verdadeira *Belle Époque* tropical corresponderia ao início das reformas urbanas conduzidas pelo prefeito carioca Pereira Passos (1902-1906) com total apoio do governo federal. A Era das Demolições, estudada por André Nunes de Azevedo no livro aqui resenhado, prosseguiria com maior ou menor intensidade até 1922, quando o Rio de Janeiro se preparou para receber condignamente o rei da Bélgica. É essa a *Belle Époque* a que se remete a maioria dos ensaios reunidos no livro.

Por essa via, o conceito de *Belle Époque* acaba por sobrepor-se ao de pré-modernismo, igualmente concebido *a posteriori*, mas dessa vez por historiadores do modernismo brasileiro interessados em encontrar nas primeiras décadas do século XX os precursores do movimento, os quais, sempre parcialmente, teriam antecipado formas e temas modernistas. Como resultado dessa confluência de conceitos, o livro acolhe estudos de produções culturais que vão além do ano de 1914, convencionalmente apontado como o fim da *Belle Époque*. É o caso da revista *D. Quixote*, analisada por Monica Pimenta Velloso, e do *art nouveau*, estudado por Maurício Silva.

A propósito, o conceito de *art nouveau* foi pioneiramente transposto do âmbito das artes plásticas para a literatura por José Paulo Paes, que se empenhava em encontrar uma caracterização própria para a produção artística das primeiras décadas do século XX, tentando desvinculá-la das correntes finais do século XIX ao pressupor a existência de um *Zeitgeist* específico para o período.

Esforço semelhante de definir a especificidade da produção literária do início do século XX foi empreendido por Flora Sussekind, para quem os escritores daquele tempo produziram em tensão com o horizonte técnico representado por invenções e aperfeiçoamentos tecnológicos que afetaram a vida cotidiana, as condições de trabalho, as modalidades de produção cultural e, conseqüentemente, a sensibilidade e a visão de mundo dos intelectuais. No livro, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo estuda em crônicas, contos e romances casos particulares de alterações de percepção e sensibilidade em virtude desse novo horizonte técnico.

A despeito da perspectiva adotada, dois escritores da chamada *Belle Époque* são muito favorecidos pelos estudos atuais e estão, justamente, contemplados pelo maior número dos trabalhos reunidos na obra recém-publicada. Lima Barreto e João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) suscitam maior interesse atualmente pelo posicionamento crítico que

assumiram, com maior ou menor intensidade, diante do processo de modernização conservadora verificado nas primeiras décadas do século XX. Mas para os contemporâneos havia outras celebridades literárias tão ou mais importantes como Olavo Bilac, Coelho Neto, Humberto de Campos, Benjamin Costallat, Rui Barbosa etc. E todos esses intelectuais são altamente representativos do período, assim como Théo Filho, que, graças a Marcos Vinícius Scheffel, um dos colaboradores, foi retirado do relativo esquecimento em que jazia.

No livro *Belle Époque*, João do Rio figura como testemunha da modernização apressada, contraditória e essencialmente injusta, como se vê nos ensaios de Giovanna Dealtry e André Luiz Barros da Silva, e como agente modernizador da imprensa brasileira, conforme o estudo de Marcus Vinicius Nogueira Soares.

Já Lima Barreto é lembrado como a voz dissonante ou a consciência vigilante da cidade europeizada e excludente que saiu das mãos ciclópicas de Pereira Passos. Irenísia Torres de Oliveira, Maria Salete Magnoni e Jean-Pierre Chauvin interessam-se pelo processo de formação do escritor mediante autoanálise, crítica da sociedade e da literatura contemporâneas e reflexões sobre o papel do intelectual. Fátima Maria de Oliveira revela, pela leitura de cartas e artigos, um Lima Barreto atento ao movimento literário contemporâneo e pronto a intervir na defesa de seus interesses. José Osmar de Melo, por sua vez, analisa as sutilezas e a complexidade ficcional do processo de projeção autobiográfica nas *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. A Dionísio Márques Arreaza interessam as especificidades do “realismo alegórico” em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, suscitando-lhe uma comparação com o “realismo naturalista” de *En este país...!*, de Urbaneja Achelpohl. As histórias de duas personagens “fracassadas”, Policarpo Quaresma e Gozalo Ruisseñol, representariam ficcionalmente o “fracasso” de duas nações sul-americanas, Brasil e Venezuela. Por sua visada crítica, Lima Barreto teria mesmo de ser um *precursor* valorizado e “assimilado” por Graciliano Ramos como demonstra Ieda Lebensztayn.

A modernização conservadora ocorrida na *Belle Époque* se, por um lado, teve um alto custo social, a que não foram indiferentes João do Rio e Lima Barreto, contribuiu, por outro lado, para um certo arejamento das relações familiares e uma crescente atuação social das mulheres. Nesse contexto histórico, começaram a surgir escritoras que colaboraram nos periódicos e publicaram livros de diversa natureza. Por si só, sua atuação já contribuía para uma afirmação da mulher na sociedade, embora nem sempre essas intelectuais estivessem alinhadas com as posições mais avançadas das reivindicações feministas. No livro, Rosa Gens analisa as produções de Carmem Dolores e Júlia Lopes de Almeida.

A *Belle Époque* da obra em questão é brasileira, como se depreende da maioria dos ensaios reunidos e sugere a bela capa de Lúvia Consentino Lopes Pereira. O primeiro ensaio do volume, porém, da autoria de Maria Cristina Franco Ferraz, trata da noção de memória em Bergson e Nietzsche. Para o filósofo francês, a memória conserva integralmente o passado no presente. Já o alemão era extremamente crítico em relação à história e defensor do esquecimento como forma de afirmação da vontade e condição para a ação transformadora sobre o presente. Lembrar o passado ou esquecer-lo são justamente alternativas para os mais proeminentes escritores do período. Os críticos como João do Rio e Lima Barreto conservaram a memória dos sofrimentos, das práticas sociais e dos sonhos das camadas humildes da população, as quais, de tão maltratadas pelas autoridades responsáveis pela assim chamada Regeneração, pegaram em armas durante os dias convulsos da Revolta da Vacina (1904). Já os eufóricos e cosmopolitas como Olavo Bilac e Coelho Neto tenderam a comprazer-se com o Rio europeizado, elitizado e embranquecido de Pereira Passos e a fazer esquecer a cidade ainda colonial que resistia além das fachadas *art nouveau* da avenida Central (v. capa). Com efeito, o esquecimento do passado monárquico era um dos objetivos da radical reforma urbana, como demonstraram as intervenções “modernizadoras” sobre logradouros (praças, monumentos etc.) e dispositivos urbanos (chafarizes, quiosques etc.) associados à memória do antigo regime.

Pode-se concluir que, pela amplitude, qualidade e variedade dos ensaios que reúne, *Belle Époque*: crítica, arte e cultura é uma obra que vem decididamente enriquecer a bibliografia especializada sobre o período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

PAES, José Paulo. O *art-nouveau* na literatura brasileira. In: *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 64-80.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*: Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.